

Márcia Cavendish Wanderley

# Recife e outros desertos



EDITORIA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Profa. Leila Longo

ARTE DA CAPA: Clara Cavendish

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W245r WANDERLEY, Márcia Cavendish. –  
Recife e outros desertos / Márcia Cavendish Wandelely. –  
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2019.  
84 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-486-0

1. Poesia I. Título.

CDD: B869.93

---

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.



I.

## *Recife*

Recife, cruel cidade  
águia sangrenta, leão.  
Ingrata para os da terra  
boa para os que não são.

(CARLOS PENA FILHO)

## Recife era isto

Recife não está mais no meu horizonte.  
Com certeza tenho outras expectativas além  
daqueles sórdidos telhados avistados da  
varanda do prédio do IAPI, um autêntico  
“balança” recheado de esperanças  
da nossa juventude, tão mal remunerada  
em seus desejos escassos.  
Donos do futuro esbanjávamos o  
tempo como se fosse eterno.  
E era... porque vivido com tanta intensidade  
que um dia valia por um ano e um  
cruzeiro multiplicava-se  
em muitos contos de réis gastos em  
prazeres transcendentais:  
aquele longplay do “Aquarius” que  
tocou até a agulha furar o disco;  
o bustiê com saia comprida, barriga de fora, sexy lisa,  
nos embalos de sexta à noite regados a cuba-libre.  
Recife era isto: muita azaração e pouco siso;  
naquele tempo se chamava “flerte”.  
acontecendo entre casais,  
mas tão discreto, que ninguém de fora percebia.  
A juventude ardente navegava em águas  
turbulentas sob as bênçãos  
das centenárias Igrejas do antigo bairro dos boêmios,  
de torres negras como o tempo que num átimo  
a todos carregou deixando pouco mais do que os  
telhados, sórdidos telhados de que ainda me lembro.

## Predomínio do negro

No reino dos cajus fui princesa desatenta  
sem notar que eram bichadas as frutas suculentas.  
Somente a dor me despertou  
do verde sonho adolescente  
e instaurou a mudança no tempo do mundo.

Habitei duas cidades e a nenhuma pertenci.  
De ambas sinto saudade  
Delas guardo cheiros ácidos: fruta, peixe, mar;  
da juventude, a louca tempestade.

No Arpoador naufraguei e retornei inteira.  
Mas tive que nadar para aprender  
o árduo ofício de viver em terra estranha  
mesmo que brasileira.

Vivi momentos mágicos dormindo.  
A realidade era a parede acesa  
refletindo pedra, cal e a desolada certeza  
do tempo que percorre pele e ossos  
em direção ao negro predomínio da morte.

## Casa navio

Sou flor da areia e tenho o hábito das ondas  
poder que aprofundei em muitos anos  
pousada em casa quieta e calma  
onde pela manhã em sono me enroscava  
à espera da tarde preguiçosa.

Era uma casa à beira mar plantada  
como se enfim as ondas não quebrassem  
e em noite alta não nos assustassem  
com a iminente invasão das águas.

A ameaça, hoje realidade,  
era vivida em espumosos sonhos  
lençóis bordados com a palavra pomba  
alimentavam amantes descuidados  
indiferentes ao tempo que passava.

Este passado líquido luminoso  
de goiamuns, lagostas, pedras ásperas  
de praia curta e de mar muito bravo  
é música toda noite repetida  
que inunda minha cama e travesseiros.

Navego em mar de pedra atropelada  
sem a preguiça dos anos primeiros  
e a frágil segurança partilhada.

## Censo de 70

O sol mordia o quarto pequenino  
que era parte de um correr de quartinhos  
igualmente sujos e miseráveis  
A água caía das grutas do cabelo,  
mas ele não ligava  
repartia o almoço já servido  
na mesa improvisada:  
uma tigela de pirão e dois caranguejos magros  
que acabara de trazer da maré de Piedade  
Oito crianças magras esperavam  
com paciência suas porções serem servidas,  
enquanto a fome reinava  
Ela chegara numa hora errada para seu trabalho  
na praia do Pina da capital pernambucana.  
Nem entrou no recinto. Parou na soleira  
porque o homem olhou-a com pesar  
e com voz cava implorou que os deixasse  
Foi assim que seu trabalho no censo de 70,  
terminou antes que começasse.

## **Bahia versus Pernambuco**

Tanto sol que tem na Bahia é puro tesão  
quando a gente transava depois ele cantava  
era tão bonita a sua canção.

Em Recife, não.

O sol cai em cheio sobre a solidão  
me conta como pude me sentir feliz  
em lugar tão cruel?

Em terra que chacina pessoas  
e até sentimentos?



## **Fratria**

*(para Sueli)*

O amor entre irmãos é coisa estranha  
porque o ciúme, esta nuvem castanha,  
turva tão fundo este sentimento  
que às vezes o peito não o reconhece,  
e, por pudor, o desmerece

A força do liame se revela  
quando é pela ausência ameaçado  
e nosso amado irmão tão esquecido  
assume importância desmedida.

Tive dois irmãos que já partiram  
com muita dor  
Não esquecerei a que me restou.

## Olinda

Vou cortar os braços do mar da minha infância  
onde deitava feliz em águas coloridas  
esquecer o rumor das marés invisíveis  
que me puxavam para o fundo dos verdes mares  
Não lembrar os pés queimando na areia quente  
Mas a sensação de frescor experimentada entre algas  
que traziam o perigo de caravelas  
enlaçando-se nervosas entre braços e pernas.  
Manhãs douradas de sol como nunca tinha visto,  
o cheiro forte e salgado inebriando os sentidos.  
As pitangueiras repletas de frutos à nossa espera,  
a felicidade plena vivida à beira do abismo.  
Vou viajar com o vento e voltar ao mar de Olinda  
ver novamente meu pai com velhos braços erguidos  
a indicar-me o caminho que me conduzia à vida  
hoje vivida, sem luz, sem mar, sem amor.  
Sem saída.

---

Este livro foi composto em Sabon LT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen bold 90 g/m<sup>2</sup>, em fevereiro de 2019.

---